

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS BAGÉ
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LICENCIATURA EM LETRAS: PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA

PAULINA CHIZIANE: UMA VOZ FEMININA EM ÁFRICA

RENATA MACHADO CAON

MIRIAM DENISE KELM

Bagé

2019



PAULINA CHIZIANE: UMA VOZ FEMININA EM ÁFRICA

Renata Machado Caon

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Paulina Chiziane: uma voz feminina em África* tem como objetivo analisar e compreender de que forma o universo feminino é representado nas obras literárias: *Balada de amor ao vento* 1990 e *Niketche: uma história de poligamia* (2002). Por meio das narrativas será realizada uma discussão sobre as relações de gênero e também sobre um aspecto cultural moçambicano específico: o casamento poligâmico. Esta análise deu-se pelo interesse desta pesquisadora em averiguar como o universo feminino é refletido pela literatura, também pela admiração adquirida sobre a vida e a trajetória profissional da autora Paulina Chiziane, uma escritora que dá voz às mulheres. Para a seguinte pesquisa foram coletadas informações e materiais sobre a autora Paulina Chiziane, como: artigos, blogs, entrevistas, uma tese de doutorado e também foram estudadas as duas obras literárias citadas acima. Como suporte teórico para o trabalho, destacamos aqui alguns dos autores que foram estudados, entre eles estão: Antônio Candido, Laura Cavalcante Padilha, Lourenço do Rosário, Marcia Tiburi e Maria Nazareth Soares Fonseca. Dessa maneira, foi realizada uma pesquisa bibliográfica a partir dos estudos literários, da historiografia moçambicana, de sua sociedade e também da crítica feminista sobre a literatura autoral feminina.

Palavras-chave: Paulina Chiziane. Relações de gênero. Poligamia.



PAULINA CHIZIANE: UMA VOZ FEMININA EM ÁFRICA

Renata Machado Caon

ABSTRACT

The present capstone paper, entitled *Paulina Chiziane: uma voz feminina em África* (Tr. *Paulina Chiziane: a female voice in Africa*), aims to analyze and understand how the female universe is represented in the literary works: *Balada de amor ao vento* (Tr. *Love ballad in the wind*) (1990) and *Niketche: Uma história de poligamia* (Tr. *Niketche: A story of Polygamy*) (2002). Through the narratives, a discussion will be held on gender relations and also on a Mozambican cultural aspect: polygamous marriage. This analysis was due to the interest of this researcher on to find out how the feminine universe is reflected in the literature, also by the admiration obtained about the life and a professional trajectory of the author Paulina Chiziane, a writer who gives voice to women. For the following research, we collected information and materials about the author Paulina Chiziane, such as articles, blogs, interviews, a doctor's degree thesis and were also studied the two literary works mentioned above. As theoretical support for the work, we highlight here some of the authors that were studied, among which are: Antonio Candido, Laura Cavalcante Padilha, Lourenço do Rosario, Marcia Tiburi and Maria Nazareth Soares Fonseca. Thus, a bibliographical research was carried out from the literary studies, the Mozambican historiography, its society and also from the feminist critique of the authorial feminine literature.

Keywords: Paulina Chiziane. Gender relations. Polygamy.



Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, na Universidade Federal do Pampa – Campus Bagé, RS – como requisito para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra.: Miriam Denise Kelm

Bagé-RS

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

C235n Caon, Renata Machado
Paulina Chiziane: Uma voz feminina em África / Renata Machado Caon
50 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS – HABILITAÇÃO EM PORTUGUÊS E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2019.

"Orientação: Miriam Denise Kelm."

1. Paulina Chiziane. 2. Relações de gênero. 3. Poligamia. I. KELM, Miriam
Denise. (Orient) II. Título.

RENATA MACHADO CAON

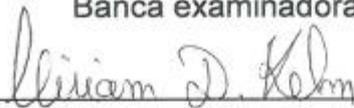
PAULINA CHIZIANE: UMA VOZ FEMININA EM ÁFRICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, na Universidade Federal do Pampa – Campus Bagé, RS – como requisito para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr.: Miriam Denise Kelm

Monografia defendida e aprovada em: 09 de dezembro de 2019.

Banca examinadora:



Profa. Dra. Miriam Denise Kelm

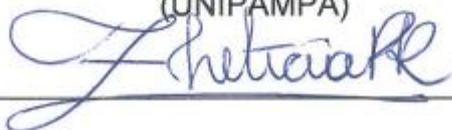
Orientadora

(UNIPAMPA)



Profa. Dra. Lúcia Maria Britto Côrrea

(UNIPAMPA)



Profa. Dra. Zíla Letícia Goulart Pereira Rêgo

(UNIPAMPA)

Bagé

2019

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por sempre estar ao meu lado, especialmente em momentos de ansiedade e em dias de muito trabalho. Obrigada por tudo.

Ao meu pai, por acreditar em mim, agradeço o apoio e incentivo de sempre.

À minha orientadora, Miriam Kelm, que acompanhou o meu processo de escrita e leitura, acreditou na minha pesquisa, e claro, foi também a minha fonte de inspiração para desenvolver o trabalho.

Aos meus amigos, por entenderem a minha ausência e me apoiarem incondicionalmente, sempre.

Ao programa de educação tutorial (PET) Letras, por todo o aprendizado e experiência que adquiri durante o meu percurso como bolsista.

A todos os professores, que fortaleceram a minha caminhada até aqui, sem eles eu não teria conseguido.

“A mulher é uma nuvem: não há como lhe deitar a âncora”. Mia Couto

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	3
2.	PAULINA CHIZIANE E SUA TRAJETÓRIA.....	4
2.1	Dados Biográficos.....	4
2.2	Percurso Literário.....	4
2.3	Paulina Chiziane: uma contadora de histórias, não romancista.....	6
3.	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-POLÍTICA RECENTE DE MOÇAMBIQUE.....	8
3.1	A Luta da Mulher Moçambicana para Conquistar o Seu Espaço.....	12
4.	ASPECTO CULTURAL MOÇAMBICANO: O DIREITO AO CASAMENTO POLIGÂMICO E A NOVA PROPOSTA DA LEI DE FAMÍLIA PARA MOÇAMBIQUE.....	14
5.	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS OBRAS: <i>BALADA DE AMOR AO VENTO</i> (1990), E <i>NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA</i> (2002), AMBAS ESCRITAS POR PAULINA CHIZIANE.....	19
5.1	Síntese da narrativa <i>Balada de Amor ao Vento</i> (1990).....	19
5.2	Análise.....	24
5.3	Síntese da obra <i>Niketche: uma história de poligamia</i> (2002).....	28
5.4	Análise.....	35
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
7.	REFERÊNCIAS.....	41

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho, intitulado *Paulina Chiziane: uma voz feminina em África*, relativo à finalização do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, tem como objetivo conhecer a trajetória de vida da autora Paulina Chiziane, e ainda analisar e compreender de que forma o universo feminino é representado por meio da oralidade e da literatura africana de língua portuguesa produzida em Moçambique, dentro de uma sociedade patriarcal. Para esta análise nos aprofundamos em um aspecto cultural moçambicano: o direito ao casamento poligâmico, de que modo este costume é representado na literatura e a sua influência dentro das relações de gênero moçambicanas. Para tal tivemos como objetos de análise as narrativas *Balada de amor ao vento* (1990) e *Niketche: uma história de poligamia* (2002), obras escritas por Paulina Chiziane, e ambas abordam a questão da poligamia e as suas consequências, como a desigualdade de gênero.

As problemáticas que nortearam a pesquisa foram as seguintes: de que forma a mulher é representada nas obras, *Balada de amor ao vento* (1990) e *Niketche: uma história de poligamia* (2002), de Paulina Chiziane? É possível discutir relações de gênero por meio de suas narrativas? Qual o papel da literatura de autoria feminina em uma sociedade patriarcal como a moçambicana?

Este trabalho de conclusão de curso, nos próximos capítulos, responde as problemáticas citadas acima, através dos seguintes capítulos: Cap. 1: Introdução. Cap. 2: Paulina Chiziane e sua trajetória. 2.1. Dados biográficos. 2.2. Percorso literário. 2.3 Paulina Chiziane: uma contadora de histórias, não romancista. Cap. 3: Contextualização histórica. 3.1 Moçambique e o período pós colonial. Cap. 4: Um aspecto cultural moçambicano: o direito ao casamento poligâmico. Cap. 5: Descrição e análise das obras *Balada de amor ao vento* (1990), e *Niketche: uma história de poligamia* (2002), ambas escritas por Paulina Chiziane. 5.1 Síntese da narrativa *Balada de Amor ao Vento* (1990). 5.2 Análise. 5.3 Síntese da obra *Niketche: uma história de poligamia* (2002). 5.4 Análise. Cap. 6: Considerações finais. Cap. 7: Referências bibliográficas.

2. PAULINA CHIZIANE E SUA TRAJETÓRIA

2.1 Dados biográficos

“Paulina Chiziane, nasceu em Manjacaze, província de Gaza, Moçambique, em 4 de junho de 1955. Passou a vida nos subúrbios de Maputo. A aprendizagem da língua portuguesa deu-se em uma escola de missão católica. Frequentou estudos superiores de lingüística na Universidade Eduardo Mondlane, curso que não chegou a concluir.” (informações retiradas da orelha do livro *Balada de amor ao vento* (1990)). Além disso, em sua juventude, participou do cenário político de Moçambique, militou por anos e fez parte de um grupo chamado FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), um partido político oficialmente fundado em 25 de Junho de 1962 (como movimento nacionalista), no qual tinha como objetivo, lutar pela independência de Moçambique do domínio colonial português. Chiziane, além de ativista política é conferencista, e ao longo dos anos, passou a traçar uma luta em defesa da mulher moçambicana. Mas, após anos de militância, deixou a política, e um dos principais motivos que a fez desistir da política foi a desilusão com as propostas políticas do partido Frelimo pós-independência, sobretudo por questões ideológicas internas do partido, que dizem respeito às políticas de monogamia e poligamia, uma hipocrisia em relação à liberdade da mulher. Sendo assim, a autora passou a se dedicar exclusivamente à literatura.

2.2 Percorso literário

Chiziane iniciou a sua jornada dentro da literatura no ano de 1984, com contos publicados na imprensa moçambicana, como a *Revista Tempo e Domingo*, escreveu o seu primeiro livro, *Balada de amor ao vento*, no ano de 1990. Foi a primeira mulher moçambicana a escrever um romance. Entretanto, notavelmente, Chiziane não se considera uma romancista e sim uma contadora de histórias.

Paulina faz a escolha por contar histórias de mulheres que foram “apagadas”, seja pelo colonialismo, pela religião ou pelos próprios homens africanos. Sobre esta questão iremos buscar mais esclarecimentos ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Retornando à narrativa *Balada de amor ao vento* (1990), uma história de ficção, Sarnau e Mwando protagonizam uma história de amor. Da juventude à idade madura. É uma obra recheada de encontros e desencontros, desespero e sofrimento, e há também a problemática da poligamia.

Após publicar a sua primeira obra, *Balada de amor ao vento* (1990), Paulina Chiziane escreveu diversos livros, como: *Ventos do apocalipse* (1993), *O sétimo juramento* (2000), *Niketche: uma história de poligamia* (2002; Brasil, 2004), que no caso, também é um de nossos objetos de estudo nesta pesquisa. *O alegre encanto da perdiz* (2008), *As heroínas sem nome – memórias de guerra e paz das mulheres em Angola* (coprodução com a escritora angolana Dya Kassembe, (2008), *As andorinhas* (2009), *Quero ser alguém – histórias de crianças soropositivas* (2010), *Na mão de Deus* (2012), *Por quem vibram os tambores do além* (2013), biografia do curandeiro Rasta Pita. Recentemente, publicou *As Andorinhas* (Brasil, 2013 e 2017), *Ngoma Yethu* (2015) e *O canto dos escravizados* (Brasil, 2018), seu primeiro livro de poemas.

Chiziane está com 61 anos e carrega 20 anos já da sua carreira como escritora literária, e no momento presente diz estar cansada de produzir de forma extensa, ou seja, em grande quantidade. Durante o seu percurso literário recebeu prêmios, como, por exemplo, com o seu livro *Niketche: uma história de poligamia* (2002) ganhou o prêmio José Craveirinha em 2003, instituído pela AEMO (Associação dos Escritores Moçambicanos). Uma narrativa de ficção que traz à tona a situação da mulher moçambicana e sua relação com o casamento poligâmico, onde é contada a história de Rami e toda a sua frustração por viver uma mistura de amor e sofrimento, devido ao fato de estar em uma relação poligâmica, no qual precisa dividir o “ seu homem” com outras mulheres.

O casamento poligâmico é uma marca cultural de muitos países em nossa sociedade e a África está incluída nesta lista, como no caso das histórias contadas nos livros *Balada de amor ao vento* (1990) e *Niketche: uma história de poligamia* (2002), que se passam em Moçambique, ambos escritos por Paulina Chiziane. Segundo Rosário:

Pelas propostas tão ricas e pela forma como a autora soube buscar as variantes estéticas para o seu texto, não me é permitido senão dizer que mais um passo, e a Paulina será definitivamente um caso sério na história da nossa literatura contemporânea. (ROSÁRIO, 2010, p. 148).

Já em 2019, pode-se dizer que Paulina Chiziane já assumiu a responsabilidade de ser considerada “um caso sério dentro da literatura contemporânea”, fazendo da sua escrita e atuação uma forma de seguir a luta em prol das mulheres moçambicanas.

Paulina retrata, por meio da Literatura, da ficção e oralidade, vozes que foram silenciadas durante o maçante período do colonialismo, e sua bela e impactante escrita não foi apenas reconhecida pelo povo moçambicano, pois Chiziane teve suas obras espalhadas por diversos países. Na apresentação encontrada na obra *O canto dos Escravizados* (2018), diz o seguinte:

“ A autora tem livros publicados em Portugal, Espanha, Itália, França, Inglaterra, Estados Unidos, Cuba e Brasil; suas obras falam das vivências tradicionais de seu povo em uma África passada e presente, que a autora articula, promovendo, na escrita literária, representações ficções na oralidade do papel. A escritora aborda diversos temas, como por exemplo: guerras, negritude, religião, tradições, e escreve principalmente sobre a luta de mulheres moçambicanas e suas vivências.”

Á vista disso, é possível perceber a importância da escritora Paulina Chiziane dentro do universo literário, e a riqueza que deixará como herança para seu povo através de sua literatura.

2.3 Paulina Chiziane: uma contadora de histórias, não romancista

Paulina Chiziane não se considera uma romancista e sim uma contadora de histórias. A autora não se encaixa dentro do gênero romance, pois ao mesmo tempo em que o romance é um gênero narrativo voltado para a interpretação do real, e assim sendo a autora considerada uma romancista, não se encaixando em rótulos, a autora tem como objetivo, através do uso de elementos orais na escrita, simplesmente relatar histórias de matriz africana, falar especialmente sobre a vida de mulheres moçambicanas comuns, as suas experiências de vida, seus medos e também suas lutas.

O romance, segundo Silva “[...] pode considerar-se como uma das mais ricas criações artísticas das modernas literaturas europeias. ” (SILVA, 2006, p. 672). Já em Carlos Reis, encontramos: “o romance é uma resposta dada pelo sujeito à sua situação na sociedade burguesa ou estruturada em termos burgueses.” (LOPES, M. C. A; REIS, C., 1996 p. 356). É um gênero narrativo que surgiu na Europa, no século

XVIII até meados do século XIX, um traço forte de sociedade burguesa, ou seja, não é o caso da literatura em prosa africana de Chiziane.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-POLÍTICA RECENTE DE MOÇAMBIQUE

Moçambique é um país que fica localizado no Sudeste do Continente Africano com uma população em média de 20.366.795 habitantes (informação retirada do censo de 2007). A sua capital é Maputo (foi chamada por Lourenço Marques durante a dominação dos portugueses em território africano, até o ano de 1976). É um país multipartidário e também democrático, segundo o *site* do portal do governo de Moçambique:

A Constituição da República consagra, entre outros, o princípio da liberdade de associação e organização política dos cidadãos, o princípio da separação dos poderes legislativo, executivo e judiciário, e a realização de eleições livres. (PORTAL DO GOVERNO DE MOÇAMBIQUE, 2019)

O país possui também uma grande riqueza linguística e o português como idioma oficial, além das línguas regionais africanas (principais: ronga, changã, muchope). Já passou por importantes mudanças até o momento atual e a maioria dessas transformações estão relacionadas à política, envolvendo lutas e guerras, como a chamada Guerra Colonial, conhecida como a Guerra de Ultramar para os portugueses, que ocorreu entre o período de 1961 à 1974, também chamada, pelo povo africano, como a Guerra de Libertação da África. De fato um grande acontecimento na história, ou seja, o período de independência e descolonização do território africano.

A independência do país foi reconhecida oficialmente no dia 25 de Junho de 1975, um período marcado por muitos protestos e conflitos, devido à resistência dos colonizadores portugueses. Segundo o *site* oficial do governo de Moçambique:

A luta de libertação Nacional, foi dirigida pela FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique). Esta organização, foi fundada em 1962 através da fusão de 3 movimentos constituído no exílio, nomeadamente, a UDENAMO (União Nacional Democrática de Moçambique), MANU (Mozambique African National Union) e a UNAMI (União Nacional de Moçambique Independente). (PORTAL DO GOVERNO DE MOÇAMBIQUE, 2019)

A FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), iniciada em 25 de junho do ano 1962, comandada por Eduardo Chivambo Mondlane, foi o grupo que lutou pela independência de Moçambique, contra o domínio dos colonizadores

portugueses. A luta começou em 25 de setembro do ano de 1964, mas no meio desta batalha ocorreu a morte, assassinato de Mondlane, em 3 de Fevereiro de 1969. Dessa forma, quem assumiu a presidência da FRELIMO em seu lugar foi Samora Moisés Machel, onde com muita luta conseguiu declarar a independência de Moçambique, exatamente no ano de 1975, após a derrubada do regime salazarista em Portugal. Ele foi casado com a primeira dama Graça Simbine Machel, uma mulher muito importante para a FRELIMO, pois foi militante do grupo desde cedo e luta até hoje em prol das mulheres e da sociedade moçambicana. O presidente Machel acabou sofrendo um acidente de avião e veio a falecer, à vista disso, quem assumiu a presidência foi Joaquim Alberto Chissano, durante dezenove anos. Após passou o mandato para Armando Emílio Guebuza (2005 a 2015) e por fim, quem atualmente está no poder é Filipe Nyusi.

Posteriormente ao grande momento de independência, estourou uma guerra civil em Moçambique, envolvendo e sendo estabelecida pela RENAMO (Resistência Nacional de Moçambique), um grupo anticomunista e FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), de tendência socialista. Segundo Lourenço do Rosário:

A Frelimo resulta da Luta Armada de Libertação Nacional, com a transformação de Frente em partido político e a Renamo, que resulta em grande medida da conjuntura geopolítica da região e do mundo, estruturase a partir do conflito armado que desencadeia contra o poder estabelecido e só após conversações se transforma em partido. (ROSÁRIO, 2010, p. 26).

A RENAMO, em oposição a FRELIMO, deixou claro que seu principal objetivo era assumir o poder, transformando-se em partido.

Essa guerra entre partidos, chamada também de guerra civil, resultou em muitas discórdias, mortes de inocentes e também pobreza, pois a economia também foi afetada, ou seja, um caos social se instalou no país, com inúmeras consequências para os moçambicanos. Mas, em 1992, foi o fim do confronto entre os dois partidos, visto que ambos entraram em um acordo, com o intuito de promover a paz. Em 1994, Moçambique realizou então de novas eleições, sendo elas multipartidárias, e após A FRELIMO ganhar, houve mais duas eleições nos anos de 2000 e 2004, o grupo novamente se elegeu e segue no poder nos dias atuais.

A FRELIMO contou com membros muito importantes para Moçambique, como a escritora moçambicana Paulina Chiziane que, durante anos, fez parte do grupo,

por uma causa nobre, lutar pela independência do país. Em 1984, por discordâncias políticas e após o período de colonização, Chiziane finalizou o seu percurso dentro do partido para se dedicar exclusivamente à literatura.

Após o período colonial, ocorreu então o processo de descolonização de Moçambique, e como já dito acima, o acordo de paz entre a FRELIMO e a RENAMO. Segundo Visentini:

Avanços semelhantes ao da África do Sul e da Namíbia também ocorreram em Moçambique e Angola por conta dos processos de paz. Em 1990 os cooperantes soviéticos, alemães orientais e cubanos se retiraram do país, e milhares de estudantes e trabalhadores que se encontravam no Leste Europeu retornaram, causando um grave problema social. Assim foi assinado um acordo de paz entre a Frelimo e a Renamo e estabelecido o multipartidarismo. (VISENTINI, P. F.; RIBEIRO, L. D. T.; PEREIRA, A. D., 2012, p. 155).

Atualmente Moçambique passa por graves e distintos problemas sociais pelas marcas deixadas do colonialismo, da guerra civil, como por exemplo, o desemprego, gerando mais pobreza, as doenças endêmicas, sem esquecer também dos constantes desastres climáticos que afetam o país. Através das palavras de Rosário (2010):

Os governos atuais receberam dos seus antecessores um discurso heroico que cantava a gesta de uma África a libertar, uma África independente, de reconquista e redescoberta das raízes, do resgate da dignidade, livre da opressão colonial e exploração capitalista. Hoje o discurso sobre a África é de doenças endêmicas, das calamidades, do desemprego, da pobreza absoluta e da demanda pelo perdão da dívida. (ROSÁRIO, 2010, p. 31).

Em relação a outro fator de suma importância, a economia, Moçambique infelizmente ainda é um dos países onde a maioria da população vive abaixo da linha da pobreza, informações retiradas do site do governo:

Apesar do notável crescimento económico que o País vem registando, muitos moçambicanos continuam vivendo abaixo da linha da pobreza. O combate à pobreza absoluta constitui uma das grandes prioridades do Governo para o quinquénio 2005-2009. Para o efeito foi traçado a segunda fase do Plano de Acção da Redução da Pobreza Absoluta (PARPA II). (PORTAL DO GOVERNO DE MOÇAMBIQUE, 2019)

Moçambique está em processo constante de reconstrução, lutando por eleições mais transparentes e também procurando formas de se reerguer, tanto por meio da educação, que é um desafio importante para o país, quanto pela sua rica

cultura, que conta com importantes membros e intervenções artísticas. Informações retiradas do *site* oficial do governo destacam:

Moçambique sempre se afirmou como pólo cultural com intervenções marcantes, de nível internacional, no campo da arquitectura, pintura, música, literatura e poesia. Nomes como Malangatana, Mia Couto e José Craveirinha entre outros, já há muito ultrapassaram as fronteiras Nacionais. Também na área do desporto se destacou em várias modalidades, designadamente no atletismo com Lurdes Mutola. Importante também e representativo do espírito artístico e criativo do povo moçambicano é o artesanato que se manifesta em várias áreas, destacando-se as esculturas em pau-preto dos Macondes do Norte de Moçambique. (PORTAL DO GOVERNO DE MOÇAMBIQUE, 2019)

É significativo ressaltar que a escritora moçambicana, Paulina Chiziane, em meio à guerra, entre dores e memórias e através da literatura e da história, faz uso da escrita para falar dos acontecimentos da época, ou seja, a autora escreve muito sobre o que o povo moçambicano vivenciou durante e após o período colonial. E, com a força da sua autoria feminina, se tornou uma das principais escritoras de Moçambique. Segundo Rosário:

O universo da Literatura é, sem dúvidas, um dos mais fascinantes, porque é nele que as sociedades se exercitam, ensaiando o que querem ou não querem ser, o que podem ou não podem fazer. A literatura, na essência reflecte sobre e reflecte-se na próxima sociedade em que se insere. Mas a Literatura, ao mesmo tempo, goza de um descompromisso total com as agendas programadas dessas mesmas sociedades. Poeta e profeticamente a literatura permite-se reconstituir paradigmas, sugerindo alternativas, metaforizando realidades, simbolizando ícones, exorcizando fobias, recriando sempre o mundo vivido ou sonhado, numa dinâmica que pode considerar-se própria de uma missão, principalmente em sociedades ditas emergentes e, como no nosso caso, de formação Colonial. (ROSÁRIO, 2010, p.126).

Diz também Rosário que: “Paulina Chiziane faz parte da geração de escritores que emergiram ao pós-independência; fruto do seu tempo.” [...]” (Rosário, 2010, p. 127).

Chiziane conhece bem o seu país, a sua cultura, política e luta em prol da independência; e é dessa forma que ela, com o seu olhar feminino, por meio de suas histórias de ficção, dá vida e voz às mulheres moçambicanas.

Em relação aos dados encontrados para a pesquisa no site Portal do Governo de Moçambique, é necessário ressaltar que estão desatualizados, mas é uma fonte segura para pesquisar sobre a história de Moçambique, ou seja, é possível encontrar informações gerais sobre o país, como por exemplo, sobre o sistema político, localização geográfica, população, economia, cultura, etc. Vale ressaltar que o que não é fácil de encontrar em *sites* relacionados ao país, são questões relacionadas ao papel e espaço da mulher moçambicana, assunto que nos interessa justamente por ser central na obra da escritora Paulina Chiziane.

3.1 A Luta da mulher moçambicana para conquistar o seu espaço

Dentro de uma sociedade patriarcal, como é o caso da realidade moçambicana, onde o homem ainda é o sujeito dominante, o avanço adquirido pelas mulheres, seja em relação as suas participações em órgãos de poder, na literatura ou educação, já é um grande passo. Segundo informações retiradas do site Brasileiras Pelo Mundo:

Em Moçambique a taxa de escolarização no ensino primário era de 75,6% em 2004. Este número retrata uma evolução positiva face a anos anteriores (em 1999, a taxa de escolarização era de 43,6%), hoje chega a quase 90%. Segundo dados das Nações Unidas de abril de 2014, há um crescimento do acesso das mulheres aos cuidados básicos de saúde, diminuindo com isso a morte materna, maior acesso das meninas ao sistema de educação primária e secundária, derivando em maior empoderamento das mesmas e entrada no ensino superior, criando condições para entrada no mercado de trabalho formal, com direitos estabelecidos por leis trabalhistas. (BRASILEIRAS PELO MUNDO – A MULHER MOÇAMBICANA, 2019).

É importante apresentar dados que mostrem a realidade atual e também a evolução do país, visando mostrar que, através, principalmente da educação, é possível possibilitar que as mulheres moçambicanas usufruam mais dos seus direitos de cidadania. É uma luta constante para que se possa diminuir as situações de desigualdade de gênero dentro de uma sociedade, como a de Moçambique, onde a mulher assume o papel secundário, geralmente por meio do casamento, como esposa e dona do lar.

Em relação ao casamento em Moçambique, ainda há a prática da poligamia, em “ nome da tradição do país”; esta questão será discutida no próximo capítulo, assim como a Lei da Família e o Ante Projeto da Lei Contra a Violência Doméstica, que visam proteger os direitos da mulher moçambicana.

4. ASPECTO CULTURAL MOÇAMBICANO: O DIREITO AO CASAMENTO POLIGÂMICO E A NOVA PROPOSTA DA LEI DA FAMÍLIA PARA MOÇAMBIQUE

As maiores informações que constam aqui sobre a poligamia e a nova proposta da Lei da Família, foram retiradas do *site WLSA (Women and Law in Southern Africa Research and Education Trust)*, com o objetivo de:

(...) contribuir para identificar e disseminar os contextos favoráveis, as áreas críticas e os obstáculos no que respeita à igualdade de direitos e oportunidades entre mulheres e homens no país, propiciando a mudança na lei e nas políticas públicas, no acesso e administração da justiça, e nas práticas sociais. Defende-se que a intervenção seja no sentido do empoderamento das mulheres, para que estas tenham os meios e as oportunidades para combater a discriminação.” (WLSA, 2019)

O primeiro ponto a ser discutido é sobre a cultura de Moçambique onde a poligamia entra em pauta. O costume poligâmico faz parte da tradição do país e é justificado muitas vezes pelo fato da necessidade de preservar a cultura local, assim como reafirmar um grande valor referente à maternidade, onde se a primeira esposa não consegue gerar um filho, haverá a oportunidade de tê-lo a partir de um próximo casamento. A poligamia de fato é uma questão que vem sendo discutida há anos, com seus prós e contras. Segundo informações retiradas do artigo encontrado no *site WLSA*:

Apesar da ausência desses estudos, a poligamia é motivo de grandes debates públicos, inflamados e cheios de emoção, e fica-se com a sensação de que quanto mais se discute o assunto mais divergentes são os resultados, ou melhor, mais longe do consenso se fica. Entre outras, é uma matéria que foi muito discutida aquando da aprovação da nova Lei da Família, em 2004. Nos debates, havia os defensores da sua legalização pois, segundo eles é necessário preservar a tradição e a cultura moçambicanas. (WLSA, 2019)

A prática da poligamia é permitida apenas para os homens, ou seja, a mulher tem o “direito” apenas de aceitar se tornar a “outra”, segunda ou terceira esposa, exercendo o papel secundário na relação. Sendo assim, dá para entender por qual motivo apenas homens lutam contra a aprovação da reforma da lei, justificando suas atitudes e pensamentos machistas por meio da tradição e cultura moçambicana,

negando o direito de escolha das mulheres. Segundo trechos retirados de um artigo sobre a Lei de Família, publicado no *site WLSA*:

Utilizar a cultura como repressão é monstruoso. Usá-la para justificar a violação dos direitos humanos é criminoso e só pode revelar interesse na conservação de velhas hierarquias. A cultura converte-se assim numa arma de poder, que os poderosos esgrimem para controlar os outros. (WLSA, 2019)

Quais são os principais argumentos que fazem com que os homens defendam a poligamia em Moçambique? Vejamos alguns discursos feitos por moçambicanos e em defesa do ato poligâmico, retirados de um artigo do *site WLSA*, onde é explicado o por que a poligamia deve ser aceita aos olhos dos direitos humanos:

Problema: Algumas mulheres, por qualquer motivo, não podem ter filhos.
Solução: A poligamia permite ao homem ter uma segunda mulher capaz de conceber e de dar filhos.

Problema: Algumas mulheres não conseguem ter vontade regular de cumprir com as suas obrigações conjugais e o homem “sofre”.
Solução: Uma segunda esposa permite que a primeira tenha mais descanso, sem que isso prejudique o homem.

Problema: Há homens, como por exemplo os mineiros, que viajam constantemente e passam muito tempo fora de casa, longe das mulheres.
Solução: A poligamia permite-lhes ter outras esposas.

Problema: As mulheres têm muito trabalho doméstico.
Solução: Num casamento poligâmico as mulheres apoiam-se muito umas às outras e nos cuidados com as crianças.

Problema: Existe muita prostituição e “mães solteiras” nas nossas sociedades.
Solução: A poligamia ajuda a diminuir a prostituição e o fenómeno das mães solteiras.

Problema: O casamento monogâmico defendido na proposta de Lei de Família é estrangeiro e ocidental.
Solução: A poligamia é uma tradição moçambicana e africana; é uma prática “natural”.

Problema: Se uma Lei de Família só considera o casamento monogâmico, está-se a “atirar para a prostituição” as mulheres que atualmente são segundas ou terceiras esposas de um casamento poligâmico.
Solução: Legalize-se o casamento poligâmico. (WLSA, 2019)

Fica claro que, a defesa para que o ato poligâmico seja aceito, vem majoritariamente de depoimentos que contam vantagens para os homens, os principais defensores e beneficiados com a prática da poligamia.

Para não aceitar que a relação poligâmica masculina prevaleça, é necessária a igualdade entre os sexos, como por exemplo, se: " Aprovamos a possibilidade de um homem poder ter várias esposas e de uma mulher poder ter vários maridos; nesta ordem de ideias, é fundamental definir as responsabilidades, os direitos e os deveres de cada um" (WSLA, 2019). Nesse contexto ambos os sexos estariam em um pé de igualdade. Mas, é necessário deixar claro que, nem todas as mulheres querem casamentos poligâmicos também para si. A monogamia, para as ocidentais, é a prioridade... ou será também para todas as africanas?

Mas, no novo projeto de lei, há a possibilidade do ato poligâmico ser extinto, em prol das mulheres e ignorando a Lei de Família anterior, pois a Lei de Família adotada em Moçambique, desde o ano de 1966, se instalou com o período do Colonialismo (1961-1974). Segundo a mesma:

(...) é uma lei antiga e descontextualizada pois não reflecte a realidade Moçambicana: é originária de Portugal tendo mesmo em Portugal sofrido várias alterações. Assenta em princípios individualistas próprios das sociedades europeias e que não se compadecem com a realidade social Moçambicana. (AFONSO, 2002).

Sendo assim, com a antiga lei em funcionamento, sem o direito de igualdade entre os gêneros masculino e feminino, um projeto de uma nova lei entra em questão, com o intuito de fazer com que essa realidade seja modificada. A nova proposta de reforma da Lei de Família, que começou a ser abordada no ano de 1998, busca contribuir e problematizar sobre a questão da igualdade entre gêneros, ou seja, direitos iguais para homens e mulheres. Dessa forma, tem como objetivo defender o espaço da mulher dentro de uma sociedade patriarcal, como a de Moçambique. A proposta encontra-se hoje na Assembleia da República para que possa ser discutida e aprovada.

Há uma nova realidade no país, a partir do momento em que sua independência (1975) foi conquistada, ou seja, antes da independência de Moçambique as leis tinham como espelho a realidade do povo colonizador, dos portugueses. De acordo com a nova proposta da Lei de Família, os principais pontos a serem considerados são:

(...) o Estado Moçambicano ratificou a Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher, Convenção sobre os Direitos das crianças, Carta Africana sobre os Direitos e Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos, que são documentos Internacionais acolhidos na legislação moçambicana e que consagram *grosso modo*, os princípios da igualdade de tratamento e de igualdade de oportunidades entre o homem e a mulher; o princípio da não discriminação da mulher e obrigam o Estado Moçambicano a proceder à revisão de todas as leis dos seus países membros de modo a se conformarem com os princípios neles estabelecidos. (AFONSO, 2002).

A partir do que foi explicado acima é que se pode ter a noção do que a nova Lei de Família tem realmente como propósito. Além disso, há também outros objetivos de suma importância na nova proposta de lei, no caso em relação ao casamento, como a divisão de bens materiais entre os cônjuges:

O que se prevê na proposta de Lei de Família é uma forma de família em que homens e mulheres sejam companheiros, e juntos organizem a sua vida tendo em vista o bem comum. Isso aparece expresso quando se fala da “Representação Familiar”, mas também no Artigo nº 1677, quando se trata da “Administração de Bens”: “A administração dos bens do casal incumbe aos cônjuges em igualdade de circunstâncias devendo o casal privilegiar o diálogo e o consenso na tomada de decisões que possam afectar o património comum ou os interesses de filhos menores. (WLSA, 2019)

Segundo informações retiradas de um artigo do *site WLSA*, outras pautas em relação a igualdade do homem e da mulher dentro do casamento para uma mudança significativa na lei são:

Idade núbil – a preocupação central eram os casamentos prematuros, defendendo-se que se deveria fixar a idade de 18 anos para os jovens de ambos os sexos. Falou-se muito nos “direitos das crianças”, embora de maneira abstrata porque os participantes não conheciam nenhum instrumento legal em particular.

Formas de casamento – salientou-se que, mesmo sabendo que a única forma de casamento válida pela lei vigente é o casamento pelo civil, este nem sempre representa uma possibilidade. Por isso se achou que as pessoas deveriam poder optar por qualquer forma de casamento, e exigir o seu reconhecimento, desde que respeitassem os princípios consagrados na lei: ser uma “união voluntária e singular”.

Chefia de família – o consenso é de que homens e mulheres devem ter o mesmo estatuto no casamento e nenhum deve mandar no outro.”

Residência da família – também aqui a decisão deve ser tomada pelos dois cônjuges e não somente pelo marido.”

(WLSA, 2019)

Todas as pautas citadas acima, e discutidas aqui, mostram possibilidades de fazer com que a igualdade entre os gêneros prevaleça, mostrando que o mundo precisa ser mais igualitário. Onde os direitos sejam iguais para ambos os sexos, assim como o respeito e a liberdade.

Dentro desta perspectiva é que vamos discorrer no próximo capítulo de análise, onde através das obras *Niketche: uma história de poligamia* (2002) e *Balada de amor ao vento* (1990), Paulina Chiziane mergulha com profundidade no universo das mulheres, envolvendo a questão de poligamia e relações de gênero, por meio de representações femininas que são retratadas e ficcionalizadas obedecendo as convenções da própria literatura e tendo semelhança com o mundo real. Ou seja, a literatura tem uma forma própria de dizer o que diz, é linguagem e, ao mesmo tempo, fala do mundo, das pessoas, da sociedade e da existência. Se a literatura fosse uma reprodução exata do mundo, ou um espelho, não teríamos interesse por ela, pois já teríamos o próprio mundo. Da mesma forma, se a literatura fosse totalmente autônoma, isto é, não fizesse relação com mundo, não conseguiríamos compreendê-la, tão pouco teríamos interesse pela mesma, assim pensa e reflete sobre a literatura o autor Antônio Candido. E é através deste olhar, onde a questão feminista e a composição da narrativa se encontram que vamos guiar e analisar os romances de Chiziane citados acima.

5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS OBRAS: *BALADA DE AMOR AO VENTO* (1990), E *NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA* (2002), AMBAS ESCRITAS POR PAULINA CHIZIANE

5.1 Síntese da narrativa *Balada de amor ao vento* (1990)

A obra *Balada de amor ao vento* publicada em 1990, é uma obra de ficção, onde Sarnau e Mwando protagonizam uma história de amor. Da juventude à idade madura. É uma narrativa de encontros e desencontros, desespero e sofrimento, e há a problemática da poligamia.

Na narrativa, a protagonista Sarnau vive a maior parte do seu tempo correndo atrás de respostas relacionadas ao amor, a partir de tudo o que viveu:

Terei eu amado algum dia? É verdade que o amor existe? Nada sei sobre a verdade do amor, mas há uma coisa que me aconteceu, digo-vos. Aquilo foi uma espécie de feitiço, mistério, loucura, isso é que foi. (CHIZIANE, 1990, p. 12).

Foi então em um certo dia, em meio a uma festa, que Sarnau conheceu o homem que iria transformar a sua vida para sempre, o filho de Rungo, que vivia no colégio de padres, Mwando! Diz Sarnau ao ver o moço pela primeira vez: “ Aquela imagem maravilhou-me, mesmo à primeira vista, o meu coração virgem estremeceu. Fiquei hipnotizada, com os olhos perseguindo os passos daquele desconhecido. ” (CHIZIANE, 1990, p. 14).

No primeiro momento, Mwando não cedeu aos encantos de Sarnau, e havia um grande motivo para que isso acontecesse, o rapaz estava estudando para ser padre. Na primeira vez que ela tentou se aproximar, não houve reciprocidade: “Aproximei-me dele, falei com doçura e, com muita indiferença, respondia as minhas perguntas. Frustradas as minhas tentativas, regresssei a casa entristecida. ” (CHIZIANE, 1990, p. 16).

Mwando seguiu ignorando Sarnau por um bom tempo, até ela colocar um belo plano em prática, levou-o para um passeio:

Arrastei o Mwando num passeio até às margens do Rio Save. Falámos de muitas coisas bonitinhas, ele falava dos seus planos do futuro, pois queria ser padre, pregar o Evangelho, batizar, cristianizar. Adeus meus planos,

meu tempo perdido, ai de mim, o rapaz não quer nada comigo, só pensa em ser padre. (CHIZIANE, 1990, p. 17).

Após o encontro, ficou claro que, apesar de todo o medo e contradições, estava começando a surgir um grande amor e Mwando estava há poucos passos de se jogar nos braços de Sarnau: “Mwando nasceu. Sente o coração a bater com força, mesmo à maneira do primeiro amor.” (CHIZIANE, 1990, p. 20).

Mwando, após descobrir o amor, a paixão, passou a se sentir preocupado, pois seus colegas de colégio já estavam sabendo do que estava acontecendo e, dessa forma, faltava também muito pouco para o Padre descobrir o seu “segredo”. Angustiado com a situação, até mesmo porque ele tinha como sonho se tornar Padre, se isolou de todos, principalmente dos outros rapazes, que ficavam zombando dele:

Procurou o refúgio do quarto e fechou-se. Estava transtornado. Sentia a sua devoção abalada pela paixão. Não conseguia fugir às tramas da serpente, a Sarnau arrastava-o cada vez mais para o abismo. Mas por que é que Deus não protege seus filhos mais devotos, e deixa serpentes espalhadas por todo o lado, por quê? << Mas eu quero ser padre>>, dizia entre lágrimas, <<eu quero ser padre, usar batina branca, cristianizar, batizar, mas ela arrasta-me para o abismo, para as trevas, ah, como é bom estar ao lado dela. Se o padre descobrir a minha paixão expulsa-me do colégio na frescura do entardecer, tal como Adão no Paraíso, mas como Adão não, não vai acontecer. Saberei encontrar um esconderijo neste jardim do Éden e ninguém descobrirá. Espero que esses malditos rapazes não deem à língua. Penso que com eles não haverá problemas pois não costumam ser delatores.>> (CHIZIANE, 1990, p. 21 e 22).

Após todo o desconforto e transtornos que Mwando sentiu, algo pior estava por acontecer, pois o Padre descobriu tudo e o expulsou da escola de padres. O rapaz não teve outra alternativa, foi atrás de outros meios de trabalho e assim seguiu sua vida e, claro, se entregou aos encantos de Sarnau:

Mwando não teve outro remédio senão conformar-se. Facilmente se adaptou aos trabalhos dos rapazes da sua idade. Todas as tardes nos encontrávamos nos rios, dávamos largos passeios, subíamos às árvores, colhíamos flores, frutos, e tudo para nós era uma verdadeira maravilha. Um dia trepamos até ao cimo da figueira. (CHIZIANE, 1990, p. 25).

Depois de longos dias de amor e felicidade, tudo mudou, Sarnau e Mwando passaram a se ver pouco, o rapaz dizia estar envolvido com negócios de seu pai, e sendo assim, passou a faltar aos encontros, ou quando se encontravam, ele ficava

pouco tempo com sua amada. No final, ficaram por dois meses sem se ver e para surpresa de Sarnau, ao encontrar o seu amor, escutou uma triste notícia: que ele foi ao seu encontro para se despedir, pois iria partir para muito longe. Posteriormente à notícia da partida, Sarnau resolveu dizer que não importava para onde ele ia, pois queria esperá-lo, mas, para sua surpresa, escutou que Mwando não ia mais voltar, pois estava de casa mento marcado. Sarnau comentou com ele que estava esperando um filho, entretanto, nada mudou, mesmo quando ela disse que desejou muito ter aquela criança. Sarnau segue tentando salvar o seu amor, e logo diz também que não se importa em ser a primeira, nem centésima esposa, contudo seu desejo não é algo que poderia ser realizado, pois Mwando acaba com todas as suas esperanças, quando diz: “Sarnau, o teu desejo não pode ser realizado. Nunca serás minha mulher, nem segunda, nem terceira, nem centésima primeira. Eu sou cristão e não aceito a poligamia.” (CHIZIANE, 1990, p. 31).

Seguidamente, depois de Mwando partir, Sarnau não desejou nada além da morte, queria descansar, sumir, partir. Contudo, ao tentar o suicídio, foi salva por um pescador.

Imediatamente, após ser salva, Sarnau recebeu o recado que foi escolhida para ser a esposa do rei, e há um trato com a família da escolhida, uma negociação chamada “lobolo”, uma tradição moçambicana, onde os responsáveis pela moça que irá se casar recebem em troca dinheiro pela sua ida para outro lar. Ela pareceu entusiasmada com o casamento: “Hoje sou a mais feliz das mulheres, ah Mwando, que sorte que tu me deste, pois agora serei a esposa do futuro rei desta terra.” (CHIZIANE, 1990, p. 41).

Sarnau foi escolhida a dedo, entre milhares de mulheres, pela rainha, mãe de seu futuro esposo, o futuro Rei Nguila: “Já encontrei a mulher mais bela, mais bondosa e trabalhadora, que não é feiticeira, é a Sarnau.” (CHIZIANE, 1990, p. 43). A moça não entendia o motivo da velha ter gostado tanto dela, mas foi assim que aconteceu, e imediatamente, após o casamento cristão e uma grande festa, passou a pertencer à família Zucula.

O casamento foi lindo segundo à noiva, que descreve tudo com uma beleza interminável e alegria contagiante:

Como estou bela, vestida de branco. Como é bonito o meu marido, trajado de preto. Este anel no meu dedo brilha como o sol. Como é emocionante esta melodia com que o povo nos saúda, e que sempre pensei que era apenas dedicada aos anjos. Hoje sou a lua, sou a rainha, o mundo inteiro curva-se aos meus pés. O padre Ferreira fez uma linda benção. O meu marido assinou o livro com uma caneta de ouro e eu apenas marquei o sinal do meu dedo. (CHIZIANE, 1990, p. 49).

Sarnau após casar-se, para sua família, era vista como uma escrava, esse era o sentimento da família ao entregar a noiva ao futuro marido; sua mãe ao despedir-se, falou esbanjando tristeza: “Sarnau, minha Sarnau, partes agora para a escravatura.” (CHIZIANE, 1990, p. 51).

No começo a vida como esposa do futuro rei era maravilhosa, tudo parecia perfeito, os dias, a casa onde estava morando com o seu marido, os móveis, enfim, um sonho em vida. E, o seu desejo era de se tornar logo uma rainha, segundo Sarnau:

O poder é como o vinho, no princípio confunde, transtorna, quase que amarga; pouco depois agrada, e, no fim, embriaga. Eis me aqui, finalmente, senhora dos destinos desta terra. Serei rainha sem dúvida alguma. É deste meu ventre que nascerá o homem que depois do meu marido irá dirigir os destinos deste povo. (CHIZIANE, 1990, p. 55).

Mas, posteriormente, após alguns meses já casada, descobriu que nem tudo seria assim tão perfeito, visto que até mesmo no dia do seu casamento já ouviu sobre o que deveria aceitar do marido para que tivesse uma união harmoniosa, como por exemplo suas futuras amantes: “As atitudes dos homens, os seus caprichos, são mais inofensivos que os efeitos das ondas do mar calmo. Não ligués importância as amantes que tem; respeita as concubinas do teu senhor, elas são tuas irmãs mais novas e todas se unirão à volta do mesmo amor.” (CHIZIANE, 1990, p. 48).

Em certo dia, após pouco tempo de casamento, Sarnau, cheia de sonhos, abriu a porta do seu quarto para ver o marido, logo então se deu conta que tinha outra mulher em sua cama, sua alegria sumiu e a tristeza tomou conta do momento. Lá estava Nguila, com outra mulher em seus braços, e como se não bastasse, ao ver que Sarnau estava chocada com a situação, zombou dela e ainda usou de sua força para lhe agredir, dias piores estavam por vir e Sarnau já se encontrava infeliz. Nesse momento triste, ao menos ela tinha ao seu lado a Rainha, que a ajudou sem

medir esforços e, imediatamente depois do acontecido, Nguila resolveu se desculpar:

(...) a bofetada que te dei foi só uma disciplina para aprenderes a não fazer ciúmes. Gosto muito de ti, Sarnau. És a minha primeira mulher. É tua toda a honra deste território. Tu és a mãe de todas as mães da nossa terra. Tu és o meu mundo, minha flor, rebuçado do meu coração. (CHIZIANE, 1990, p. 63).

Enquanto isso, Sarnau há de receber uma notícia, pois Mwando foi abandonado por sua esposa, a linda Sumbi. Ele estava arrasado, sua felicidade durou pouco. “Mwando casara-se sonhando construir um ninho de amor, mas o diabo tomou-lhe a dianteira. Tudo acabou numa trágica separação, foi sol de pouca dura.” (CHIZIANE, 1990, p. 67).

Mwando era um homem bom, estava sempre disposto a ajudar sua esposa, mas ela parecia se aproveitar disso. O povo da comunidade condenava as atitudes vindas dele, com os seguintes argumentos: “homem que se deixa dominar por uma mulher, não merece a dignidade de ser chamado homem, e muito menos de ser considerado filho de Mambone.” (CHIZIANE, 1990, p. 70).

Acerca dos acontecimentos, das pessoas acharem que ele estava enfeitado, Mwando decidiu que iria mudar o seu comportamento e não mais ser um brinquedo para sua esposa, pois já estava ciente da situação. Enquanto isso, o casal foi viver longe da aldeia, do outro lado do Rio, em função de todos os comentários negativos sobre o seu casamento. Tiveram um filho, que veio a falecer. E logo após, Sumbi o abandonou, ela já havia arrumado outro marido, e diferente dele, um homem rico.

O tempo foi passando e lá estava Sarnau, com duas filhas pequenas, já com dois anos de idade, seu marido já nem a procurava mais e havia um motivo forte para tudo estar assim, a chegada da quinta esposa, Pathi: “A chegada da Phati, a quinta esposa do meu marido, veio transtornar toda a nossa vida, e eu morri completamente no coração daquele homem.” (CHIZIANE, 1990, p. 80).

Após a morte do Rei e da Rainha, Sarnau se sentia ainda mais sozinha, uma mulher triste e que só queria ser amada. E agora Nguila era o novo Rei!

Enquanto isso, Mwando reaparece, deixando Sarnau surpresa, e após esse reencontro passaram a se encontrar com frequência. Mas ela sentiu que algo ruim

estava por acontecer: “Este reencontro é o prenúncio de uma tragédia, sinto-o.” (CHIZIANE, 1990, p. 93). Sarnau engravidou, e para piorar tudo, não de seu marido. Inicialmente, para tentar resolver a sua situação, fez um feitiço para que Nguila dormisse com ela e assim não houvesse dúvida sobre a paternidade. Dessa forma, Mwando se viu cansado da situação e queria uma decisão de sua amada, ou tudo terminava ali, ou os dois fugiriam para longe. A mais nova rainha aceitou fugir, mas após a criança que estava em seu ventre nascer.

O dia chegou, nasceu o menino, que aos olhos de muitos era o mais novo herdeiro do Rei. Imediatamente, os apaixonados Sarnau e Mwando resolveram partir para longe, porém ela ainda estava dividida, chegou a desistir, mas Phati, a esposa que queria vingança, tudo viu, então Sarnau não tinha outra saída, foi obrigada a deixar tudo para trás, ela tinha ainda mais duas crianças, o seu primeiro e segundo filho, no final teve que deixar para trás os seus três filhos, até mesmo o recém-nascido, e com o seu amante partiu: “Entrámos nos barco e navegámos rápido com a velocidade da tempestade, e tudo ia ficando para trás: a minha terra, o meu rio, o meu vento, os meus filhos. Adeus tudo o que foi meu, adeus meus filhos, adeus!” (CHIZIANE, 1990, p. 118).

Mwando passou a trabalhar como pescador para manter o sustento dos dois, tudo parecia bem, os dias passavam calmos, eles adormeciam e acordavam juntos. Até que de repente tudo mudou, Nhambi, amigo de infância dele, estava na cidade e trazia com ele más notícias:

Mwando, meu mais que irmão, tenho para contigo uma dívida de gratidão, desde os tempos de infância. Salvaste-me a vida, matando a jiboia que me ia atacar, quando estávamos nos ritos de iniciação, lembra-te? Agora escuta: eu e meus dois companheiros estamos aqui numa missão especial: Matar-te! Preciso de silenciar-te para ganhar os louvores do Rei. Tens a noite inteira para decidir a tua sorte, porque ao nascer do sol será demasiado tarde. (CHIZIANE, 1990, p. 129).

Mwando resolveu fugir, na verdade ele não tinha outra saída. E, posteriormente, ao ser deportado para Angola, realizou o seu sonho de se tornar padre, recomeçando então a sua vida:

Mwando, o padre Moçambique, chegou trajando a sua batina de pano cru, chapéu de palha e pés descalços, levando na Bíblia a mão esquerda. Logo depois chegou também o angolano Januário. Todos se ergueram, tiraram os chapéus curvando-se numa vénia, em saudação aos seus dirigentes.” (CHIZIANE, 1990, p. 146).

Mas e Sarnau, qual foi o seu destino? Após dezesseis anos ao ter sido abandonada por Mwando, ela vivia vendendo verduras nas ruas de Mafalala, e com ela carregava uma criança: “Pois os olhos no rostinho bonito da minha filha, a minha Phati, de corpinho elegante e sorriso de sol. Quando Mwando me abandonou, já esta criança se hospedava no meu ventre.” (CHIZIANE, 1990, p. 155). Ela, na verdade, teve outro filho nesse meio tempo, de um homem que também a abandonou. Sua história de disputas por amor e homens não teve um final feliz, a poligamia sempre foi uma forma de aprofundar a sua tristeza:

A poligamia tem todos os males, lá isso é verdade, as mulheres disputam pela posse do homem, matam-se, enfeitam-se, não chegam a conhecer o prazer do amor, mas tem uma coisa maravilhosa, não há filhos bastardos nem crianças sozinhas na rua. Todos têm um nome, um lar, uma família. Não há nada mais belo neste mundo que um lar para cada criança. Por um lado prefiro a poligamia, mas não, a poligamia é amarga. (CHIZIANE, 1990, p. 158).

Ao final de tudo, Mwando retornou, sim, outra vez, em busca de perdão, todavia com a sua vida cheia de feridas, Sarnau agora tinha um preço:

Tu fostes para mim vida, angústia, pesadelo. Cantei para ti baladas de amor ao vento. Eras para mim o mar e eu o teu sal. Nunca encontrei os teus olhos nos momentos de aflição. No abismo, não encontrei a tua mão. O meu preço é para ti inacessível? (CHIZIANE, 1990, p. 166).

Ela ao dizer o seu preço, sumiu pelas ruas de Mafalala. Imediatamente, Mwando bateu na porta de sua casa, onde quem atendeu foi a sua filha Phati, e ele lhe disse: “Sou o teu pai” (CHIZIANE, 1990, p. 170). As crianças o encheram de perguntas, e ele queria ficar, era o seu grande desejo: fazer parte daquela família. Sarnau não resistiu e o acolheu. Seus filhos precisavam de um pai e ela de um homem em seus braços.

5.2 Análise

Balada de Amor ao Vento (1990) apresenta a história de Sarnau, uma mulher que vive em busca do amor, mas sua procura acaba por trazer muitas decepções, tristezas profundas e até mesmo o abandono. A personagem vive em Moçambique, em um local que há um sistema patriarcal, onde a mulher sempre foi desvalorizada e é vista muitas vezes como uma mercadoria, além de ser obrigada a entrar em relações poligâmicas, onde o beneficiado desse tipo de relação é sempre o homem. O casamento poligâmico é uma marca cultural de muitos países em nossa sociedade e a África está incluída nesta lista, como no caso da história contada na obra *Balada de amor ao vento* (1990), escrita por Paulina Chiziane, que estamos analisando.

Na obra, a personagem Sarnau, sai de casa através de um casamento, o qual prevê, conforme os costumes ancestrais, o “lobolo”, sua família recebe dinheiro em troca da sua partida para o novo lar, onde vai viver ao lado do marido. A fala de sua mãe antes do momento dela partir, é a seguinte:

Criámos a Sarnau com amor e sacrifício, os visitantes estão à porta e vêm buscá-la para sempre. Defuntos dos Guiamba é dos Twalufo, a vossa filha é hoje lobolada. O vosso sangue vai hoje pertencer à nobre família dos governantes desta terra. (CHIZIANE, 1990, p. 40).

O que fica bem claro na narrativa que representa a realidade de uma parte das moçambicanas, é que muitas mulheres não têm direito de escolha, ou seja, é a família do noivo que decide quem será a sua futura esposa, desenvolvendo a desigualdade entre os gêneros feminino e masculino.

O homem parece estar acima de tudo, é quem decide e tem poder sobre a prática da poligamia, quem tem direito de escolher com quem quer se casar, o que quer construir, que rumo vai seguir, enfim, é considerado o “Deus na terra”, e sendo assim, a mulher parece que nasceu para servi-lo:

Vozes de pilões abafam o cantar dos pássaros; é o grito do milho no último suspiro, é o gargalhar do estômago saudando a refeição que se aproxima, Sarnau o homem é o Deus na terra, teu marido, teu soberano, teu senhor, e tu serás a serva obediente, escrava dócil, sua mãe, sua rainha. (CHIZIANE, 1990, p. 47).

Primeiramente, antes mesmo do seu casamento com Nguila, a personagem Sarnau, ao lado de Mwando, homem por quem ela era completamente apaixonada, mostra ao que a mulher é capaz de se sujeitar na tentativa de ter uma relação e

amor. Trazemos aqui um trecho que representa bem o seu desespero: “Mas isso não é problema - disse entre lágrimas. Eu aceito ser a segunda mulher, ou terceira, como quiseres. Se tivesses dez mulheres eu seria a décima primeira. O que eu quero é estar ao teu lado.” (CHIZIANE, 1990, p. 31). O que aconteceu com Sarnau é que Mwando era cristão e não aceitava a prática da poligamia.

Outra questão que precisa ser discutida, é sobre a violência doméstica dentro das relações poligâmicas. Muitas vezes, há uma disputa entre as esposas nessa relação, como por exemplo: quem dará o primeiro filho homem, no caso o herdeiro; também quem limpa a casa melhor; cozinha bem; entre outras coisas. O abuso geralmente acontece quando a mulher não consegue atingir as expectativas do marido em relação aos itens citados acima. Segundo Marcia Tiburi:

A questão da violência doméstica é até hoje uma das principais bandeiras dos movimentos feministas. A violência contra mulheres é, principalmente, violência doméstica, mas não só. A desigualdade do trabalho doméstico, o papel da maternidade e toda uma lógica do próprio casamento como submissão da mulher ao homem, têm muito de um tipo de violência, que é a simbólica. Em um tom mais radical, poderíamos até nos perguntar se a ordem doméstica não é, ela mesma enquanto tal, aquela que instaura as condições de possibilidade de violência doméstica. (TIBURI, 2019, p. 107).

No livro, a personagem Sarnau demonstra que sempre tentou fazer tudo que estava ao seu alcance em função dos deveres domésticos, não somente para agradar o marido, mas também à sua família, suas sogras: “hoje é dia de visitar a minha oitava sogra, pilar para ela, cozinhar para ela, lavar para ela, pois cada sogra tem de conhecer o sabor dos meus cozinhados e o aroma das roupas lavadas pelas minhas mãos.” (CHIZIANE, 1990, p. 57). A mulher representada nesta história parece mais ser uma máquina do que um ser humano. O contrário não acontece, pois os homens não participam das tarefas do lar, dos deveres domésticos. Quando acontece, como no caso do personagem Mwando que ajudava em tudo a sua esposa, aos olhos da sociedade, até mesmo das mulheres, fica mal visto, como um mau exemplo a não ser seguido:

As línguas do povo começaram a atuar, o caso não era vulgar. Onde já se viu um homem colar-se como um piolho nas capulanas da mulher, cozinhar para ela, lavar para ela? As gentes conspiraram, pois o casal seria capaz de contaminar a aldeia com aquele modo de vida. (CHIZIANE, 1990, p. 68).

O objetivo desta análise é mostrar através do objeto de estudo, o livro *Balada de Amor ao Vento* (1990), que muitas mulheres moçambicanas viveram e vivem presas dentro uma sociedade patriarcal, e que através de leis, como a Lei de Família já discutida em um capítulo anterior, por exemplo, é uma das formas que possibilita que a luta por uma sociedade igualitária seja implantada aos poucos, pois nesta lei o sexo feminino é visto com crescente igualdade em relação ao sexo masculino. Os costumes ancestrais não se modificam de um dia para outro ou através de uma lei, trata-se de um processo de modificação lenta e paulatina, geracional.

Paulina Chiziane, é uma escritora que faz de sua escrita, em especial aqui na obra analisada, uma forma de protesto, mostrando a realidade destas mulheres, por meio de seus relatos e da oralidade. Dessa forma, a escritora Chiziane nos faz pensar e refletir sobre o mundo feminino, por meio de suas histórias, aqui em especial, abordando as relações de gênero e o casamento poligâmico. As suas narrativas precisam ser lidas, compreendidas e espalhadas pelo mundo.

5.3 Síntese da obra *Niketche: uma história de poligamia* (2002)

Niketche: uma história de poligamia (2002), é uma narrativa de ficção que traz à tona a situação da mulher moçambicana e sua relação com o casamento poligâmico. É contada em primeira pessoa, a história de Rami, e toda a sua frustração por viver uma mistura de amor e sofrimento, devido ao fato de estar em uma relação poligâmica, de 20 anos, onde precisa dividir o seu parceiro Tony com outras mulheres:

O coração do meu Tony é uma constelação de cinco pontos. Um pentágono. Eu, Rami, sou a primeira dama, a rainha mãe. Depois vem a Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda dama. Segue-se a Luísa, a desejada, no lugar de terceira dama. A Saly a apetecida, é a quarta. Finalmente a Mauá Sualé, a amada, a caçulinha, recém adquirida. O nosso lar é um polígono de seis pontos. É polígamo. Um hexágono amoroso. (CHIZIANE, 2002, p. 58).

Em um primeiro momento, o livro apresenta a frustração de Rami por não ter a presença de Tony em casa na maior parte do tempo e por praticamente criar os seus filhos sozinha, Rami se sente insuficiente e perdida:

Esta falta de ordem é falta de homem nesta casa— desabafo. —O Tony é o culpado de tudo isto. Sempre ausente. Primeiro foi uma noite de ausência,

depois outra e mais outra. Tornou-se hábito. Ele diz-me que faz turnos à noite. Que supervisa o trabalho de todos os polícias pois é quando a noite cai que os ladrões atacam. Faço de contas que acredito nele. Mas os passos dos homens são rasto de caracol, não se escondem. Sei muito bem por onde anda. (CHIZIANE, 2002, p.12).

A personagem Rami vive sua vida pensando em amor, na verdade na falta do amor, pois não se sente amada por Tony, e dessa forma, expressa toda a sua angústia e sofrimento por meio das palavras:

Fecho os olhos e escalo o monte para dentro de mim. Procuro-me. Não me encontro. Em cada canto do meu ser encontro apenas a imagem dele. Solto um suspiro e só me sai o nome dele. Desço até ao âmago do meu coração e o que é que eu encontro? Só ele. Tenho por ele um amor puro e perfeito, será que ele não vê? (CHIZIANE, 2002, p. 14).

A narrativa traz como eixo principal a discussão sobre o casamento poligâmico. Rami, a primeira esposa, divide o seu marido com outras mulheres, a personagem se vê em uma situação horrível, pois no momento da narrativa, descobre a existência de outras mulheres, isto é, ela teve uma diferente inicialmente, onde desconhecia a vida polígama de Tony; Ela então, após ir atrás da verdade e ficar ciente de tudo, demonstra ódio as demais companheiras de seu cônjuge. No trecho a seguir, de fato, ela exterioriza toda a sua indignação:

Penso muito nessa tal Julieta ou Juliana. Mulher bonita, ouvi dizer. Tem com o meu Tony muitos filhos, não sei quantos. É um segundo lar, sólido e fixo. Na minha mente correm ideias macabras. De repente apetece-me ferver um pote de óleo e derramar na cara dessa Julieta ou Juliana, para eliminá-la do meu caminho. Apetece-me andar à pancadaria como uma peixeira. Rezo. Rezo com todo o fervor para que essa mulher morra e vá para o inferno. Mas ela não morre e nem o romance acaba. Enquanto ela viver, nunca terei o meu marido por completo e eu não o quero dividir com ela. Marido não é pão que se corta com faca de pão, uma fatia por cada mulher. (CHIZIANE, 2002, p. 19).

No decorrer da obra, após alguns acontecimentos, ocorre, por exemplo, uma briga física com uma das esposas de seu parceiro Tony. Mas é aí que tudo muda, pois ela passa a enxergar que as outras mulheres estão praticamente na mesma situação que a sua, recebem a visita de Tony de vez em quando e também sofrem

por se sentirem sós. Suas “rivais” são praticamente iguais à ela. Surge então um novo sentimento de Rami para com as outras esposas de Tony, a empatia:

A minha consciência ganha peso de chumbo. Sinto um sentimento doce a brotar do meu silêncio. Da janela aberta vejo o céu cinzento e sinto vertigens. Treme de piedade, de tristeza, de vergonha. Todas as mulheres são gémeas, solitárias, sem auroras nem primaveras. Buscamos o tesouro em minas já exploradas, esgotadas, e acabamos por ser fantasmas nas ruínas dos nossos sonhos. —Julieta, peço perdão, mil vezes perdão. (CHIZIANE, 2002, p. 26).

Mas, apesar da empatia e compreensão, Rami ainda assim se sentia uma mulher solitária, desprezada e sem entender o porquê de seu marido procurar outras mulheres, o que havia de errado com ela, passava horas procurando respostas, conversando consigo mesma em frente ao espelho:

— Diz-me, espelho meu: onde foi que eu errei? Serei feliz algum dia, com essas mulheres à volta do meu marido? —Pensa bem, amiga minha: serão as outras mulheres as culpadas desta situação? Serão os homens inocentes? Abandono o espelho que distrai a minha atenção com reflexões inúteis. (CHIZIANE, 2002, p.33).

Em meio ao caos, ela resolveu procurar uma conselheira do amor, para assim tentar encontrar respostas. Inicialmente, Rami não conseguia falar sobre praticamente nenhuma das suas aflições, entretanto, aos poucos, sua conselheira do amor conseguiu fazer com que ela falasse mais e a conversa começou a fluir; falaram sobre tabus, tradições, casamento, também sobre a culpa que mulheres carregam, entre outras questões. Após algum tempo de conversa, Rami fala sobre não querer partilhar o seu cônjuge: “Nas práticas primitivas, solidariedade é partilhar pão, manta e sémen. Sou do tempo moderno. Prefiro dar a minha vida e o meu sangue a quem deles precisa. Posso dar tudo, mas o meu homem não. Ele não é pão nem pastel. Não o partilho, sou egoísta.” (CHIZIANE, 2002, p. 39)

Enquanto isso, Tony parecia não se importar com nada, e até mesmo justifica suas traições, com frases de superioridade em relação ao sexo feminino, quando Rami fala sobre suas traições: “ —Traição é crime, Tony! ” (CHIZIANE, 2002, p. 29), ele realmente não parece preocupado e responde com muita tranquilidade: “ — Traição? Não me faça rir, ah. Ah, ah, ah! A pureza é masculina, e o pecado é

feminino. Só as mulheres podem trair, os homens são livres, Rami. — O quê? — Por favor, deixa-me dormir.” (CHIZIANE, 2002, p. 29).

No decorrer da história, Rami conhece a terceira companheira de Tony:

Despertei com a cabeça na terceira mulher que enlouquece o meu marido. Que fez de mim uma mulher casada de leito vazio. Que fez da Julieta a segunda, uma solteirona repudiada, com um filho no ventre. Queria tanto conhecer essa terceira, que tem muito mel dentro dela, não para fazer a guerra, não, mas para aprender com ela. (CHIZIANE, 2002, p. 49).

Foi um encontro baseado em discussões e agressões físicas, ambas foram parar na polícia e Rami já estava exausta, realmente cansada de tudo. Após os conselhos sentimentais de sua conselheira falharem e a “guerra” com suas rivais, resolveu buscar ajuda no “campo da magia”:

Procurei um mercador de sortes. Falei do meu problema bem baixinho, para que o vento não escutasse os meus lamentos. Ele diagnostica o meu caso e prescreve a cura. Faz promessas. Diz que a minha vida vai conhecer momentos mais altos que o voo das nuvens. Que o meu marido vai me amar como a ninguém. Diz que segurar um marido e prendê-lo é ainda mais fácil que colher a água da fonte. (CHIZIANE, 2002, p. 61).

Mas nada parecia dar certo, em virtude disso Rami seguia lamentando suas dores de amor. Ocasionalmente, em meio a tudo, ela recebeu um convite para o aniversário do filho de Luíza, uma das suas “rivais”, ou melhor dizendo, a terceira esposa de seu marido. Imediatamente, disse que não ia, todavia, acabou cedendo e lá estava ela, bebendo vinho e apreciando a festa, onde posteriormente apareceu um homem que, aos olhos de Rami, era amante de sua rival:

— Belo homem, quem és tu que nunca vi? O que fazes aqui? A Luísa fica atrapalhada e diz qualquer coisa ao ouvido do visitante. Faz as apresentações. Gagueja. — És amante da Luísa, não és? — acuso. — És sim. Saiba, meu senhor, que a Luísa é uma mulher comprometida. Ela roubou o meu marido e fizeram dois filhos. Mas qual é o homem que não se deixa roubar por esta bela ladrona, meu senhor? (CHIZIANE, 2002, p. 78).

O fato é que, após algumas taças de vinho, ela desejou o tal homem, e dormiu com ele. Ao acordar estava arrependida, porém para Luíza que já estava sabendo do acontecimento, tudo permanecia bem, entretanto, para Rami não, sentia-se mal, até que escuta de sua adversária que:

Não sou possessiva. Venho de uma terra onde a solidariedade não tem fronteiras. Venho de um lugar onde se empresta o marido à melhor amiga para fazer um filho, com a mesma facilidade com que se empresta uma colher de pau. Na minha comunidade o marido empresta uma esposa ao melhor amigo e ao ilustre visitante. Na minha aldeia, o amor é solenemente partilhado em comunhão como uma hóstia. O sexo é um copo de água para matar a sede, pão de cada dia, precioso e imprescindível como o ar que respiramos. Se já partilhamos um marido, partilhar um amante é mais fácil ainda. Assim as contas estão pagas, não é, Rami? (CHIZIANE, 2002, p.82).

Rami, ao longo dos dias, planejou reunir todas as esposas para comemorar o aniversário de 50 anos de Tony:

Obrigado, meu Deus, o meu plano deu certo. Todas entraram traiçoeiras como serpentes. Suaves como a música da alma. Elegantes como verdadeiras damas. Reivindicam o seu espaço com sorrisos. Fazem a guerra com perfume e flores. Elas são a chuva regando a terra para que dela brote uma vida nova. Estas mulheres juntas venceram os preconceitos e avançaram com Firmeza e derrubaram a farsa. (CHIZIANE, 2002, p. 108).

Tony, ao chegar em sua festa, tem uma reação de espanto e desconforto, ao sentar ao lado de suas esposas, a pedido de Rami; ouviu vários comentários desagradáveis em relação ao seus casamentos poligâmicos, muitos dos convidados arrumaram desculpas para se retirar da comemoração, até mesmo para que suas mulheres não seguissem o exemplo de Rami. Em outras palavras, os homens não queriam ser expostos daquela forma em público, estavam com medo que suas mulheres fizessem o mesmo. Ao final de tudo, Tony se retirou do local, na verdade ele fugiu, mas o aniversário continuou:

— Meninas! Convençam-se de uma vez. Este passo dado não volta atrás. Destruímos o manto da invisibilidade, celebremos. Obrigámos o Tony a reconhecer publicamente o que fazia secretamente. Meninas, estão cheias de medo? Para que esses receios? Alguma vez estiveram no aniversário do Tony? Alguma vez os vossos filhos se sentaram no colo dos tios, das tias, rodeados de carinho, como membros da família inteira? Não se assustem com o Tony. A ausência do rei não é o fim da vida. Comamos à grande e bebamos à francesa! (CHIZIANE, 2002, p.110).

O tempo foi passando e Rami, como primeira esposa, foi colocando ordem em tudo: os dias para cada uma das esposas ficar com Tony, como deviam servi-lo, discutiram também sobre regras referentes ao casamento poligâmico, entre outros assuntos, estavam mais unidas do que nunca aquelas mulheres e falavam principalmente sobre o amor na visão poligâmica:

Mas a realidade do amor é esta. Amar e ser amado é coisa de homem. Para a mulher, o amor recebido dura apenas um sopro, um flash de fotografia, simples pestanejar da vista. Para a mulher, amar é ser trocada como um pano velho por uma outra mais nova e mais bela — como eu fui. É ser enterrada viva quando a menopausa chega — está seca, está gasta, estéril, não pode produzir nem prazer, nem filhos, e já não floresce em cada lua— dizem os homens. (CHIZIANE, 2002, p.135).

Tony passou a viver uma situação que nunca imaginou na vida, com todas as suas esposas unidas e praticamente contra ele, sua casa parece ter virado um verdadeiro inferno, seria esse o fim de uma vida polígâmica? Nem a sua mãe ficou ao seu lado, pois ao ouvir as reclamações do filho, diz:

— Durante vinte anos nunca houve nesta casa um conselho de família, porque tinhas só a minha Rami, mulher de bons princípios. Tudo corria bem. Decidiste ser polígamo e os problemas aí estão, agora toma, agora aguenta, o feitiço virou, o feiticeiro és tu, Tony! (CHIZIANE, 2002, p.152).

Mas, Tony não se dá por vencido, e logo após pede o divórcio para Rami, diz que sua decisão é tomada por vingança, para colocar Rami no mesmo grau de igualdade das outras esposas, deixando o seu lugar de primeira mulher. Ele quer puni-la, por tudo que passou e vem passando, após a sua festa de aniversário de 50 anos. Rami não aceita o divórcio:

Quer divorciar-se de mim para casar com quem? Só as mulheres se divorciam para ficarem sós. Os homens se divorciam para casar com alguém. Sempre fui obediente. Cumpridora. Hoje vou desobedecer pela primeira vez. Não haverá divórcio nenhum. Quer divórcio? Que passe pelo meu cadáver! (CHIZIANE, 2002, p.167).

Posteriormente, após muitas discussões sobre o divórcio, eis que algo ocasionalmente acontece: Tony parece estar morto, sofreu um acidente, foi atropelado. Muitos dos parentes dele culpam Rami por sua morte e também por ele se tornar polígamo. Uns dizem que ela fez feitiço causando o seu acidente, para não ter que dar a ele o divórcio, já outros que ele teve relações polígâmicas porque Rami não o satisfazia. Alguns dos comentários:

—Rami, tens que assumir a responsabilidade do que se passou com o Tony. Ele perdeu a vida por tua culpa. Eu digo que sim. —Ele começou a arranjar mulheres lá fora e acabou por se tornar polígamo, porque não o satisfazias. Porque tinhas sempre a mesa mal posta e a cama fria. Porque és altiva e nada compreensiva. Porque não sabias amar nem conviver. Eu digo que sim. — A feiticeira és tu, Rami. Se não fosse essa tua mania de juntar as esposas, nada disto teria acontecido. Juntaram-se e as cinco fizeram correntes negativas dentro desta casa. Eu digo que sim. — O feitiço

é teu. Mataste-o para evitar o divórcio e ficares com os bens do falecido. Eu digo que sim. (...)” (CHIZIANE, 2002, p.211).

Portanto, tudo havia ficado extremamente estranho depois que Rami encontrou Eva, outra mulher que pelo visto havia se envolvido com Tony; ela traz notícias que ele não podia estar morto, pois havia viajado no mesmo dia para Paris, por problemas médicos, diz Eva:

(...) fui eu que sugeri ao Tony esta viagem para ir consultar um médico por causa daquele problema do joelho. Tratei de tudo, desde as reservas de voos, hotéis, consultas. Quando tudo está pronto, carrega na bagagem outra mulher, para a lua-de-mel. A tal Gaby. Segundo, eu não sabia que ele tinha tantas mulheres. Conhecia apenas a Mauá, a quem ele me convenceu ser a única e a legítima esposa. Descobri que ele mentia. Fiquei muito magoada. (CHIZIANE, 2002, p.215).

Chegou, de qualquer forma, o dia do funeral, um homem estava sendo enterrado, não se sabia quem, pois não era Tony. Logo após, Rami participou do *kutchinga*, uma “cerimônia sexual”, que acontece durante o luto do marido, o seu parceiro foi o irmão do “morto”, que se chamava Levi. Após o ocorrido, Tony retorna para casa, surpreso, pois nada estava em ordem: “—Rami, o que houve aqui? — Senta-te — ordeno-lhe — para que não caias de surpresa. — Onde estão as cadeiras, as mobílias, as camas todas? Vou ao quintal e busco uma grade vazia, de cerveja. Ofereço. —Aqui está a cadeira. Senta-te.” (CHIZIANE, 2002, p.226).

No final de tudo, Tony e Rami conversaram sobre praticamente sobre tudo o que se passou, principalmente enquanto ele estava fora. O homem voltou com o intuito de pedir perdão para Rami, demonstrando, rigorosamente, estar arrependido por tudo, pois não sabia que tinha causado tanto sofrimento para ela e suas outras esposas: “Diz que não sabia que a vida era má, nem imaginava que as mulheres sofriam tanto. Sempre achava que a sociedade estava bem estruturada e que as tradições eram boas, mas só agora percebia a crueldade do sistema.” (CHIZIANE, 2002, p.229).

Mas, muitas coisas aconteceram nesse tempo que ele estava longe, como por exemplo, o caso de sua esposa Lu com Vitor, que acabou em pedido de casamento. Agora quem se sentia traído era Tony, pois não queria perder nenhuma de suas

esposas. Mas elas não sentiam mais amor por ele, queriam até mesmo que ele casasse novamente, arrumaram uma nova esposa, mas ele não queria mais casamentos. Para finalizar, houve alguns acontecimentos e só restaram Tony e Rami, e ela estava esperando um filho, não dele, então o seu mundo caiu:

— O filho é do Levy! Os seus braços caem como um fardo. As três trovoadas que um dia tentou encomendar contra o noivo da Lu hoje atacam-lhe o cérebro, o coração e o sexo e fazem dele um super-homem calcificado no éden da praça. Ele só vê o escuro e a chuva. Fica uns minutos intermináveis a contemplar o vazio. Era uma ilha de fogo no meio da água. Solto-o. Não cai, mas voa no abismo, em direção ao coração do deserto, ao inferno sem fim. (CHIZIANE, 2002, p.333).

Dessa forma, concomitantemente, aqui em *Niketché*, é relatada a história de um casamento poligâmico, que mostra a difícil situação feminina moçambicana; uma narrativa que termina com um triste fim, principalmente também para o homem polígamo.

5.4 Análise

Niketché: uma história de poligamia (2002) *ganhou* o prêmio José Craveirinha em 2003, instituído pela AEMO (Associação dos Escritores Moçambicanos). É uma narrativa de ficção que traz à tona a situação da mulher moçambicana e sua relação com o casamento poligâmico. É contada a história de Rami, “uma mulher casada num contexto cultural polígamo, polvilhado de interferências culturais exógenas.” (ROSÁRIO, 2010, p. 145).

Do ponto de vista literário, segundo Lourenço do Rosário (2010, p.146), é possível notar uma evolução na prosa narrativa em Paulina Chiziane, entre o primeiro romance, *Balada de amor ao vento* (1990) e *Niketché: uma história de poligamia* (2002). De acordo com Rosário (2010, p.147), a evolução em Paulina é percebida através do seu horizonte literário escrevendo, lendo, participando de lançamento de livros, em congressos, viajando, etc.

A narrativa trata especificamente sobre as relações de gênero e o casamento poligâmico, fazendo uma crítica à poligamia e mostrando as suas consequências.

Rami, casada com Tony, um oficial da polícia, é uma esposa que passa pelo sofrimento causado pela poligamia. Desde o princípio, tenta entender o porquê seu

marido procura prazer e amor fora da relação, e mostra em todo o tempo da narrativa o quanto a busca do seu marido lhe causa dor:

Há momentos na vida em que uma mulher se sente mais solta e desprotegida como um grão de poeira. Onde andas, meu Tony, que não te vejo nunca? Onde andas, meu marido, para me protegeres, onde? Sou uma mulher me bem, uma mulher casada. Uma revolta interior envenena todos os caminhos. Sinto vertigens. Muito fel na boca. náuseas. Revolta. Impotência e desespero. (CHIZIANE, 2002, p.10).

Através do excerto anterior, fica clara a insatisfação de uma mulher que vive uma relação polígama; Rami passa mais tempo sozinha, sem Tony, tendo que criar os seus filhos sem a presença do pai, ou seja, na verdade não está em um casamento no qual tem com quem dividir a sua vida.

No decorrer da narrativa é apresentada a fragilidade de uma mulher que se sente inferior em relação ao homem, dentro de uma sociedade polígama e patriarcal como a de Moçambique, ou seja, onde se passa a história de *Niketché*; Rami fala sobre fazer tudo certo, como cuidar e obedecer o seu marido:

Ninguém pode entender os homens. Como é que o Tony me despreza assim, se não tenho nada de errado em mim? Obedecer, sempre obedeci. As suas vontades sempre fiz. Dele sempre cuidei. Até as suas loucuras suportei. Vinte anos de casamento é um recorde nos tempos que correm. Modéstia à parte, sou a mulher mais perfeita do mundo. Fiz dele o homem que é. Dei-lhe amor, dei-lhe filhos com que ele se afirmou nesta vida. Sacrifiquei os meus sonhos pelos sonhos dele. Dei-lhe a minha juventude, a minha vida. Por isso afirmo e reafirmo, mulher como eu, na sua vida, não há nenhuma! Mesmo assim, sou a mulher mais infeliz do mundo. (CHIZIANE, 2002, p. 14).

A religiosidade também está presente no livro, como uma forma de questionar e refletir sobre a tradição da poligamia na modernidade: “A vida é a eterna metamorfose Vejam só o meu caso. O meu lar cristão que se tornou polígamo. Era uma esposa fiel que tornei-me adúltera — adúltera não, recorri apenas a um tipo de assistência conjugal, informal, tal como a poligamia desta casa é informal.” (CHIZIANE, 2002, p.95).

Sobre a poligamia: a prática também é apresentada de forma positiva na narrativa, por algumas personagens mulheres, como a tia de Rami, que enxerga vantagens no casamento poligâmico:

(...) Como conseguiu viver num lar com vinte e cinco esposas, tia Maria? A velha oferece-me um olhar de infinita ternura. —Filha minha, a vida é uma eterna partilha. Partilhamos o ar e o sol, partilhamos a chuva e o vento. Partilhamos a enxada, a foice, a semente. Partilhamos a paz e o cachimbo. Partilhar um homem não é crime. Vezes há em que partilhar a mulher é necessário, quando o marido é estéril e precisa colher o sêmen de um irmão. (CHIZIANE, 2002, p.72).

A mulher representada em *Niketche: uma história de poligamia* (2002), pela mão da literatura, mostra também como o patriarcado afeta o feminino, muitas vezes, mulheres reproduzem um discurso de comparação e também de inferioridade entre as mesmas; a história apresenta uma comparação entre mulheres do Sul de Moçambique e do Norte feita por elas, além de motivos para homens abandoná-las. Estas diferenças se dão por motivos culturais e de colonização: “variedade em línguas, em hábitos, em cultura, pois, na verdade, elas formam uma amostra de norte a sul, o país inteiro nas mãos de um só homem. Em matéria de amor, o Tony simboliza a unidade nacional.” (CHIZIANE, 2004, p. 161):

— Vocês, do sul, não se preocupam com coisas importantes — a Mauá volta à carga. — Fazem amor à moda da Europa. Concentram toda a energia no beijo na boca, como se o tal beijo valesse alguma coisa. Dizem que pensamos apenas no sexo? Quantos homens do sul abandonaram os lares para sempre? Chamam-nos atrasadas. Vocês só têm livros na cabeça. Têm dinheiro e brilho. Mas não têm essência. Têm boas escolas, empregos, casas de luxo. De que vale tudo isso se não conhecem a cor do amor? De que vale viajar para a lua para quem ainda não viajou para dentro de si próprio? Já Fizeste uma viagem para dentro de ti, Rami? Nunca, vê-se pela amargura que tens no rosto. O paraíso está dentro de nós, Rami. A felicidade está dentro de nós. Vocês, do sul, ainda não são mulheres, são crianças. Seres reprodutores apenas. For isso os homens vos abandonam a torto e a direito. A vossa vida a dois não tem encantos. Por isso, mal declararam a independência gritaram: abaixo os ritos de iniciação. (CHIZIANE, 2002, p.178-179).

A obra *Niketche: uma história de poligamia* (2002) mostra também a rivalidade entre mulheres que precisam dividir o mesmo homem, entretanto, do mesmo modo, apresenta uma história de superação, no qual, apesar das diferenças entre culturas, todas se unem para lidar com os problemas das suas relações poligâmicas. Rami, em primeiro momento, procura pelas outras esposas do marido para entender o que está acontecendo, com o propósito de reconquistar Tony; depois, contudo, ela

descobre nessas mulheres um novo mundo, com as suas histórias partilhadas. Foi então no aniversário de 50 anos do seu marido, que Rami conseguiu juntar todas as mulheres dele; a partir deste dia, com a ajuda de familiares e das esposas, Rami oficializou a poligamia. Dessa forma, ela tornou-se a primeira esposa e líder daquelas mulheres. Assim sendo, aos poucos, um “ universo patriarcal” parecia desmoronar ao redor de Tony.

Tony, também é apresentado como um objeto de uma sociedade patriarcal, que em muitos momentos tem a sua masculinidade afetada, como por exemplo, quando Rami vai para cerimônia do *Kutchinga*, cerimônia de purificação da viúva na tradição do sul do país, onde ela dorme com outro homem durante o luto. Tony, sempre fez aquilo que a tradição propunha, sem nunca questionar, ou seja, reconhece que ele mesmo é vítima na medida em que reproduz os valores ancestrais, sem se perguntar por que; sendo assim, então, nesse sentido, ao mesmo tempo que ele parecia comandar tudo, se mostra perdido, derrotado, em função da vida poligâmica que levou:

(...) Os seus braços caem como um fardo. As três trovoadas que um dia tentou encomendar contra o noivo da Lu hoje atacam-lhe o cérebro, o coração e o sexo e fazem dele um super-homem calcificado no éden da praça. Ele só vê o escuro e a chuva. Fica uns minutos intermináveis a contemplar o vazio. Era uma ilha de fogo no meio da água. Solto-o. Não cai, mas voa no abismo, em direcção ao coração do deserto, ao inferno sem fim. (CHIZIANE, 2002, p.333).

Paulina Chiziane faz em *Niketche: uma história de poligamia* (2002), uma crítica ao casamento poligâmico e uma discussão sobre as relações de gênero em uma sociedade patriarcal como a moçambicana; a mulher na obra é sempre colocada numa posição subalterna em relação ao homem. A escrita de Chiziane é profunda e especialmente no universo feminino. Nas palavras de Rosário: “Com Niketche, Paulina vai atingindo a consolidação do seu próprio percurso de escritora e também o percurso de suas personagens.” (ROSÁRIO, 2010, 145).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras *Balada de amor ao vento* (1990) e *Niketche: uma história de poligamia* (2002), ambas escritas por Paulina Chiziane, são narrativas que proporcionam uma profunda reflexão sobre importantes questões contextuais de Moçambique, como o aspecto cultural específico: o direito ao casamento poligâmico, de que modo este costume é representado na literatura e a sua influência dentro das relações de gênero moçambicanas.

Por conseguinte, para compreendermos os aspectos culturais tematizados pela ficção, como um todo, de Chiziane, pesquisamos sobre a cultura e sociedade moçambicana.

A poligamia faz parte da tradição de Moçambique, como no caso das histórias contadas nos livros *Balada do amor ao vento* (1990) e *Niketche: uma história de poligamia* (2002), que se passam em Moçambique.

Para entendermos melhor como funciona a poligamia, nos aprofundamos na Lei de Família de Moçambique e na nova proposta de reforma da mesma lei, com o propósito de discutir sobre os direitos das mulheres moçambicanas, durante o período colonial e após a independência do país. Os costumes ancestrais não se modificam de um dia para outro ou apenas através de uma lei, mas já é um começo, trata-se de um processo de modificação lenta e paulatina, geracional. As maiores informações que constam nessa parte da pesquisa foram retiradas do *site WLSA (Women and Law in Southern Africa Research and Education Trust)*.

As duas narrativas aqui analisadas se aproximam por suas temáticas, trazendo a representação da mulher moçambicana, suas vivências, lutas e transformações ao longo da história do país, através das personagens protagonistas: Rami, que é personagem principal de *Niketche: uma história de poligamia* (2002), e Sarnau, protagonista da narrativa *Balada de amor ao vento* (1990).

Do ponto de vista literário, segundo Lourenço do Rosário (2010, p.146), é possível notar uma evolução na prosa narrativa em Paulina Chiziane, entre o primeiro romance, *Balada de amor ao vento* (1990) e *Niketche: uma história de poligamia* (2002). Ainda, nas palavras de Rosário, “em *Niketche* há nítido investimento em

diversos recursos literários. O jogo de espelhos em que a narradora por inúmeras vezes tenta confrontar o seu eu com a imagem refletida, com a qual dialoga é um recurso intimista (...).” (ROSÁRIO, 2010, p.147). Há também, além da evolução de escrita de uma narrativa para outra, uma diferença de tons entre as obras. Na primeira obra, *Balada de Amor ao Vento* (1990), o tom é mais romântico, lírico, pois, como o título diz, trata-se de uma “balada”, isto é, uma forma poética. Já em *Niketche: uma história de poligamia* (2002), há um aprofundamento da auto-interrogação feminina em relação aos costumes tradicionais e também uma reflexão sobre o papel da mulher moçambicana na sociedade contemporânea.

Por fim, neste trabalho, os objetivos principais foram conhecer e pesquisar sobre a trajetória da contadora de histórias Paulina Chiziane, trazendo então aspectos importantes já mencionados acima, também como o seu envolvimento com o universo feminino e a forma com que ela, através da sua literatura, escrita e oralidade, consegue dar vozes às mulheres moçambicanas. Além disso, tivemos como propósito entender por que a autora faz uma opção não pelo título de romancista e, sim, contadora de histórias, uma vez que ela remete para a tradição oral e não para a tradição romanesca, e por fim, pensamos em ampliar os estudos acadêmicos na área da literatura africana de língua portuguesa, especialmente da literatura moçambicana.

REFERÊNCIAS

- CÂNDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004. (p. 6).
- CHAVES; MACÊDO, R. T. **Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa**. São Paulo: Alameda, 2006.
- CHIZIANE, Paulina. **Balada do amor ao vento**. 3. ed. Portugal: Editorial Caminho, 2003.
- _____. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. **O Canto dos escravizados**. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.
- FREITAS, S. R. F. **A condição feminina em Balada de amor ao vento**, de Paulina Chiziane. 2012. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, João Pessoa.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- LOPES, M. C. A; REIS, C. **Dicionário de Narratologia**. 5. ed. Portugal: Livraria Almeida Coimbra, 1996.
- MENDES, M. A.; CARVALHO, D. B. **Literatura e gênero: relações de poder e representações literárias**. Teresina: EDUFPI, 2014.
- PADILHA, Laura Cavalcante. **Novos Pactos, outras ficções: Ensaio sobre literaturas afro-luso brasileiras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- ROSÁRIO, Lourenço. **Moçambique: história, culturas, sociedade e literatura**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. **Mulheres e Literatura (Trans)Formando Identidades**. Porto Alegre: Editora Palloti, 1997.
- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. **Teoria da Literatura**. 8. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 2006.
- TETTAMANZY, L.L.A.; SANTOS, M. C. **Lugares de fala, lugares de escuta nas literaturas africanas, ameríndias e brasileira**. Porto Alegre: Editora ZOUK, 2018.
- TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: Para Todas, Tode E Todos**. 9. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.

VISENTINI, P. F.; RIBEIRO, L. D. T.; PEREIRA, A. D. **História da África e dos africanos**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

Textos disponíveis *online*:

AFONSO, Irene. **Proposta de Lei de Família** (pdf), publicada em “Outras vozes” nº 1, em Outubro de 2002, por Irene Afonso. Acesso em 10 de agosto de 2019.

Blog do Carlos Carvalho. **As andorinhas de Paulina Chiziane**. Disponível em: <<http://blogdocarloscarvalho.blogspot.com/2015/08/as-andorinhas-de-paulina-chiziane.html>> Acesso em 10 de maio de 2019.

CHIZIANE, Paulina. **Oralidade e ancestralidade**. [29 de janeiro de 2019]. Rio Grande do Norte: TV Universitária – TVU. Entrevista concedida a Paulina Chiziane. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WiLijX_7dDk> Acesso em 10 de maio de 2019.

Guerra Colonial Disponível em:

<http://www.citi.pt/cultura/politica/25_de_abril/guerra_colonial.html> Acesso em: 23 de junho de 2019.

Lei de Família 10.2004 da República de Moçambique. Disponível em:

<<http://jafbase.fr/docAfrique/Mozambique/Lei%2010.2004%20-%20Lei%20da%20Familia.pdf>> Acesso em 20 de agosto e 02 de setembro de 2019.

PORTAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. Disponível em:

<<https://www.presidencia.gov.mz/por>> Acesso em 23 de junho de 2019.

PORTAL DO GOVERNO EM MOÇAMBIQUE. Disponível em:

<<http://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Mocambique/Informacao-Geral>> Acesso em 22 de setembro de 2019.

Sarau Eletrônico. Disponível em:

<http://bu.furb.br/sarauEletronico/index.php?option=com_content&task=view&id=213&Itemid=1> Acesso em 14 de junho de 2019.

WLSA. Mulher e lei na África Austral Moçambique. Disponível em:
<<http://www.wlsa.org.mz/visao-e-missao-da-wlsa/>> Acesso em 20 de julho e 18 de outubro de 2019.